

05

Formas de tratamento: usos e desusos do Nordeste Trasmontano

Manuel Duarte João Pires
Universidade Politécnica de Macau

Resumo_ As formas de tratamento permitem-nos descortinar através de uma situação de comunicação os papéis sociais que cada indivíduo representa na comunidade. As particularidades das formas de tratamento veiculam conhecimentos sobre as relações sociais de cada época, bem como as suas mutabilidades ao longo do tempo. O presente estudo tem como objetivo pesquisar as formas de tratamento características do Nordeste Trasmontano, fomentando uma análise diacrónica destes fenómenos sociolinguísticos. A metodologia usada baseia-se em entrevistas a indivíduos de diferentes grupos etários da aldeia raiana de Avelanoso, concelho de Vimioso, distrito de Bragança. Os principais resultados indicam que o número de formas de tratamento utilizadas é atualmente reduzido e que muitas realizações peculiares do Nordeste Trasmontano se esvaeceram durante as últimas décadas. Verifica-se, também, uma diferença significativa entre as gerações mais seniores habituadas a evidenciar as diferenças sociais através da recursividade das formas de tratamento e as gerações mais novas, cujas democráticas interações nas relações informais se resumem à igualdade do *tu* e à menor intimidade do *você*.

Palavras-chave_ Português; formas de tratamento; Nordeste Trasmontano; mudança social e linguística.

Sumário_ 1. Introdução. 2. Um olhar sobre as formas de tratamento em português. 3. Um século de formas (e desformas) de tratamento. 4. Metodologia. 5. Diálogos e (des)usos. 6. Considerações finais. Referências bibliográficas.

Forms of Address: Usage and Disuse in Northeast Trás-os-Montes

Abstract_ The forms of address allow us to reveal, through a communication situation, the social roles that each individual plays in society. The particularities of the forms of address convey knowledge about the social relations of each era as well as their mutability over time. The present study aims to investigate the forms of address typical of Northeastern Trás-os-Montes, promoting a diachronic analysis of these sociolinguistic phenomena. The methodology used is based on semi-structured interviews with individuals from different age groups in the border village of Avelanoso, the municipality of Vimioso, and the district of Bragança. The main results indicate that the number of forms of address used is currently reduced and that many peculiar solutions of Northeast Trás-os-Montes have faded during the last decades. There's also a significant difference between the older generations, who are used to highlighting social differences through recursive forms of address, and the younger generations, whose democratic interactions in informal relationships boil down to the equality of *tu* and the lesser intimacy of *você*.

Keyword_ Portuguese; forms of address; Northeastern Trás-os-Montes; social and linguistic change.

Contents_ 1. Introduction. 2. A view over the forms of address in Portuguese. 3. A century of forms of address. 4. Methodology. 5. Dialogues and (dis)uses. 6. Conclusions. References.

1.

Introdução

As formas de tratamento usadas numa determinada língua permitem-nos descortinar, através de uma situação de comunicação, os papéis sociais que cada indivíduo representa na comunidade. Se por um lado existem línguas em que as formas de tratamento se restringem a um pequeno número de pronomes utilizados consoante a intimidade ou falta dela entre os interlocutores, na língua portuguesa existe um acervo de formas de tratamento que embora retirem algum sentido prático às relações interpessoais, constituem uma preciosidade na análise sociolinguística do português (Carreira, 1997; 2014; Duarte, 2011; Bazenga, 2017; Allen, 2019).

No contexto da mudança linguística, entendida como a evolução que qualquer língua regista ao longo da sua história e às “transformações que sofre devido a razões de natureza social, económica, política, geográfica e cultural que moldam a língua ao longo dos tempos” (Mateus, 2003: 36) e, igualmente, da mudança social que integra as formas de tratamento “no quadro das transformações sociais e culturais que se têm vindo a operar em Portugal” (Gouveia, 2008: 97), o presente estudo analisa as mudanças registadas ao longo das últimas décadas nas formas de tratamento próprias de algumas localidades do Nordeste Trasmontano, como é o caso da aldeia de Avelanoso, onde a presente investigação teve lugar.

Esta aldeia do distrito de Bragança situa-se junto da raia com Espanha de um lado e do limite do concelho de Vimioso (ao qual pertence) com o de Miranda do Douro, do outro, tendo como localidades mais próximas algumas aldeias do lado espanhol e a aldeia mirandesa de São Martinho de Agueira. Trata-se de uma aldeia e de uma área geográfica com características sociais e linguísticas muito próprias onde convivem, desde há muito, as línguas portuguesa, espanhola e mirandesa e onde existem vários elos e intercâmbios entre elas por vezes difíceis de descortinar. As peculiaridades sociolinguísticas da aldeia de Avelanoso são referidas em várias obras da área da linguística, sobretudo, de falares transfronteiriços e de estudos mirandeses (Vasconcellos, 1901; Santos, 1967; Mourinho, 1987; Ferreira, 2001; Elizaincín, 2006).

O objetivo principal desta investigação é verificar as mudanças nas formas de tratamento e compreender de que modo a evolução da sociedade molda estas realizações sociolinguísticas próprias de uma comunidade do Nordeste Trasmontano. As particularidades dos modos de tratamento acompanham a língua portuguesa desde há largos séculos e compõem uma tradição decorrente das relações sociais de cada época. Como tal, as tradições são mutáveis de acordo com a evolução das sociedades. São essas mudanças nas formas de tratamento ao longo das últimas décadas que serão registadas neste trabalho sob uma perspetiva diacrónica e intergeracional.

2.

Um olhar sobre as formas de tratamento em português

As formas de tratamento podem definir-se como realizações linguísticas, discursivas ou textuais usadas para “expressar distâncias quer do eixo horizontal quer do eixo vertical, graus de delicadeza e relações simétricas (ou recíprocas) ou assimétricas (ou não-recíprocas) entre os participantes de uma interação comunicativa” (Cavalheiro, 2017: 58).

As formas de tratamento usadas numa determinada língua permitem-nos descortinar, através de uma situação de comunicação, os papéis sociais que cada indivíduo representa na comunidade. As formas de tra-

tamento constituem elementos de cultura não material ou espiritual que resultam da interação social, isto é, dos relacionamentos dos indivíduos entre si. Os homens são criadores de cultura e constantemente modificam e revitalizam o seu meio ambiente, de modo que os valores da sociedade, o peso do agregado familiar ou os modos de tratamento sofrem alterações com o avançar dos tempos. Atualmente, vivemos numa sociedade democratizada que se esforça por efetivar um clima de tolerância, baseado na convergência para a igualdade e numa ideia de cidadania equilibrada entre indivíduos e povos.

Contudo, esta tendência igualitária é uma característica sociocultural da sociedade contemporânea. Segundo os argumentos de Teyssier (1997: 60), “até por volta de 1500, o português conhecia, como o francês, apenas o tuteamento familiar ou o voseamento respeitoso”.

Enquanto, nas sociedades vincadamente hierarquizadas do passado, o poder era a força dominante das formas de relações sociais, hoje em dia estas regem-se pela solidariedade, onde o sentimento de interdependência e igualdade entre cidadãos com interesses e responsabilidades recíprocos prevalece. Esta conceção democrática das relações sociais contrasta com a disparidade que se vivia no tempo da monarquia, em que as formas de tratamento significavam prestígio (Biderman, 1972; Allen, 2019; Bazenga, 2022; Mella & Rodríguez, 2023).

O voseamento, uso do pronome *vós*, começou a perder estatuto desde que a alta nobreza e as hierarquias superiores se começaram a referir aos seus subalternos por *tu* como forma de vincar a superioridade e o poder, promovendo a distância e a não reciprocidade de outras formas de tratamento subsequentes. A nobreza aumentava os títulos e estes espalhavam-se a mais pessoas, levando os reis e altos nobres a criar formas de tratamento cada vez mais exclusivas, como é o caso de *Alteza* ou *Majestade* em desabono de *Mercê* ou *Senhoria*, pois quando os nobres começaram a usurpar os títulos aos monarcas estes começaram a “reivindicar outros que se lhes aplicassem privativamente” (Biderman, 1972: 343).

Um acontecimento histórico que viria a agitar as relações sociais (e não só) foi a Renascença, pois as formas de tratamento multiplicaram-se para corresponder aos novos refinamentos da sociedade afluyente da época, que teve no aumento da burguesia umas das suas principais consequências (Luz, 1958; Cintra, 1972; Casteleiro, 1988; Cunha e Cintra, 2002). Neste âmbito, começou a ser necessário individualizar os nobres de nascimento dos novos ricos, mecenas ou burgueses oportunistas. A perda de importância de alguns modos de tratamento, pode ser ilustrada com o declínio do título *Dom* que nos começos da monarquia lusitana era usado exclusivamente para referir o rei e os seus filhos legítimos. Segundo Cintra (1972), no séc. XII os cronistas usavam o título de *Dom* para os ricos homens e senhores feudais e no séc. XIII difundem-se pela burguesia os títulos de *Conde*, *Marquês*, *Duque* e, com eles, também o de *Dom*. Na Renascença já era apenas uma forma elegante e respeitosa de alguém se dirigir a um fidalgo, ao passo que no séc. XVIII já não pertencia só aos nobres, mas a qualquer homem de bem.

Os nobres começaram a apoderar-se do título de *Dom* e os monarcas passaram a procurar outros que os distinguissem dos demais. Na sociedade fortemente estratificada da época verificava-se uma procura pela importância social dos títulos e dos modos de tratamento. Muitas vezes, no contexto da cultura portuguesa, seria mais importante parecer (ou seja, obter determinado título ou forma de tratamento), do que ser (reunir as verdadeiras competências ou qualidades supostamente associadas a um título dessa natureza).

Na visão da linguista brasileira Maria Teresa Biderman, “toda a sociedade, diferenciada em classes, insiste em cultivar uma etiqueta que individualize a elite da massa” (Biderman, 1972: 341), estando a assimetria que o poder origina claramente indicada pela forma de tratamento utilizada. Estas assimetrias apenas se começaram a desvanecer a partir da Revolução Francesa e dos seus ideais igualitários que plantaram “a semente da

solidariedade universal” (Biderman, 1972: 342) que medrou no século XXI. A ânsia de paridade entre cidadãos no seguimento da revolução francesa, implementou, em plena euforia revolucionária, o pronome *tu* como a única forma de tratamento a usar na sociedade enquanto “símbolo de igualdade entre cidadãos” (Biderman, 1972: 349).

Os estudos de Brown e Gilman (1960) falam também no binómio semântica do poder e semântica da solidariedade para se referirem às mudanças de paradigma nas formas de tratamento. A semântica do poder está ligada à não reciprocidade das hierarquias, enquanto a semântica da solidariedade surge associada a uma interação igualitária que promove tratamentos recíprocos mesmo entre indivíduos de diferentes classes sociais e hierárquicas.

Apesar das várias mudanças sociais ocorridas em Portugal, as formas de tratamento ainda testemunham a segmentação que a sociedade viveu durante séculos. Enquanto nos países próximos da Europa latina existem geralmente duas formas consoante a intimidade ou distanciamento, Portugal apresenta uma grande complexidade no sistema de formas de tratamento, o que o aproxima mais das especificidades dos sistemas orientais (Cintra, 1972).

Talvez seja interessante constatar que apesar da sociedade atual ser pautada pela solidariedade e reciprocidade, ainda persiste em muitos portugueses esta assunção dos títulos, sobretudo *doutor/a*, como forma de se distinguirem ou diferenciarem mesmo sem, de facto serem doutores ou doutorados. Por exemplo, esta questão está tão disseminada culturalmente que ao endereçar uma carta ou uma mensagem de correio eletrónico de maior formalidade, é comum os portugueses tenderem a tratar o destinatário como *doutor/a*, mesmo sabendo que a outra pessoa não é nem médica nem detentora do grau de doutoramento. Talvez seja uma forma de não ferir suscetibilidades, numa cultura em que não é fácil saber (ou adivinhar) como tratar o outro por entre tantas formas de tratamento e tantos títulos que, afinal, hoje, como há vários séculos, muitas pessoas ainda fazem questão de ostentar.

Os séculos de organização social conservadora e diferenciadora deixaram as suas marcas num complexo sistema de formas de tratamento. De acordo com Cintra (1972), no português atual existem três planos de tratamento, ao contrário da forma dualizada ou uniformizada de outras línguas ocidentais como o inglês: as formas próprias da intimidade (ex.: tratamento pronominal *tu*); as formas usadas no tratamento de igual para igual, ou de superior para inferior, e que não implicam intimidade (ex.: tratamento pronominal *você*); as formas de reverência ou cortesia, repartidas por uma série muito variada de níveis, correspondentes a distâncias diversas entre os interlocutores (ex.: tratamentos nominais como *o/a senhor/a*, *a Maria*, *o pai*, *o doutor* ou *Vossa Excelência*).

Os tratamentos pronominais nada evocam acerca da caracterização do interlocutor, enquanto os tratamentos nominais destacam alguma característica da pessoa com quem falamos. No caso de *senhor/a*, o sexo e idade da pessoa; no de *a senhora professora* ou *o senhor engenheiro*, a profissão; *o pai*, *a mãe*, o grau de parentesco. O tratamento nominal é caracterizador, uma vez que utiliza traços concretos e individuais que se opõem à abstração própria das unidades puramente gramaticais como os pronomes ou desinências. Os tratamentos de tipo nominal não são exclusivos do português (ex.: *Monsieur* ou *Madame*, no francês), mas o emprego regular e abundante no português contemporâneo é mais significativo que a utilização ocasional que as outras línguas românicas praticam.

Através desta quantidade de formas de tratamento podemos ter uma noção da complexidade destes elementos na nossa língua e de quão dependentes são estes elementos de fatores como a posição ou papel social e profissional, o grau de intimidade, a idade, entre vários outros.

3.

Um século de formas (e desformas) de tratamento

Nesta parte do trabalho analisa-se o estudo do linguista Cláudio Basto publicado em 1932, denominado “Formas de tratamento em português”. A obra consiste num conjunto de 25 páginas que contêm um exaustivo levantamento das formas de tratamento existentes em Portugal nessa época. À distância de quase um século podemos verificar quais os modos de tratamento que se usavam então e que perduraram até à atualidade, mas também outros aspetos, como as variantes geográficas de uma mesma forma ou o registo das expressões mais usadas em Portugal.

Segundo o autor, no domínio familiar era comum usar-se *senhor pai* ou *senhora mãe* ou *senhora madrinha*, mas também *o pai*, *a mãe* e *a madrinha*, estas últimas ainda hoje bastante usadas, mais do que as anteriores começadas por *senhor/a* que hoje são menos habituais. Por exemplo, quando se fazia referência ao pai ou mãe de outra pessoa dizia-se *senhor seu pai* ou *senhora sua mãe*.

As expressões *meu homem* e *minha mulher* ainda estão muito presentes no nosso léxico sempre que se fala nos respetivos cônjuges. Por outro lado, *compadre* e *comadre* eram considerados comuns entre vizinhos ou pessoas mais velhas, mas agora não são tão usuais (dependendo da zona geográfica) a não ser quando usados entre sogros ou sogras.

Os vocativos *ó filho*, *ó homem* e *ó mulher* parecem ser ainda hoje utilizados quando se quer fazer um pedido ou dar um conselho ou ordem (ex.: *ó filho*, esquece isso! ou *ó mulher*, despacha-te!). Os termos *mano* e *mana*, sobre os quais o autor dizia que “esta forma antiga de tratamento ainda se usa no Alentejo” (Basto, 1932: 14), ressurgiram em força nos últimos tempos não só como um tratamento carinhoso entre irmãos, mas também como forma de tratar os amigos num registo bastante informal.

Para além do contexto familiar ou de proximidade podemos constatar outros argumentos pertinentes como o seguinte: “O tratamento de mais cerimónia, hoje empregado, é o de Vossa Excelência” (Basto, 1932: 17). É admirável que passados tantos anos esta forma de tratamento se mantenha como a mais cerimoniosa, juntamente com *Exm^o Senhor/a* (também referido pelo autor). Pelo contrário, *o senhor* ou *a senhora* não era à época considerado um tratamento de cerimónia, usando-se para as pessoas de mais idade. Segundo Basto (1932), para se tornar mais solene o nome *senhor* deveria vir acompanhado da profissão ou função da pessoa (ex.: *senhor padre*, *senhor professor*, *senhor doutor*, *senhora dona Maria*, etc.). As formas *Sim*, *senhor/a* ou *Não*, *senhor/a* para responder afirmativa ou negativamente a um interlocutor são tratamentos que chegaram até aos nossos dias, embora se usem cada vez menos.

É interessante também analisar que a forma *vossa mercê* já estava em desuso nessa época, em detrimento de *você* e *vossemecê*, formas sobre as quais o autor nos deixou a seguinte análise: “Dantes você, assim como vossemecê, evitava-se com pessoas de cerimónia – Você é estrebaria! Agora é moda, é de bom tom, é chic o tratamento de você”. (Basto, 1932: 18). Esta frase possibilita-nos compreender que há um século o emprego de *você* se estava a generalizar e que essa difusão era bastante criticada por muitas pessoas, opinião que perdurou pelas décadas seguintes. Atualmente, o uso de *você* difundiu-se de forma global e arrebatadora, embora ainda possa haver algumas pessoas, sobretudo de mais idade, que não apreciem o uso de *você* por não o considerarem adequado ou por ser demasiado informal.

O autor diz-nos também que em algumas regiões de Portugal usava-se o diminutivo *Seu* em vez de *Senhor*, forma que não é hoje comum em Portugal, ao contrário do Brasil onde surge com frequência em algumas regiões, e, inclusive, é usada por alguns artistas brasileiros (*Seu Jorge*, *Seu Waldir*).

Segundo o autor, quando alguém se referia a uma pessoa do sexo feminino dizia *menina* (ainda usada) ou *senhorita*, mas também *moça* ou *mocinha* (menos comuns). Para as mulheres adultas dirigia-se o mais respeitoso *senhora dona*. À juventude ou a um grupo de jovens chamava-se *mocidade*, palavra que caiu em desuso talvez por estar conotada com o antigo regime ditatorial que possuía um organismo denominado *mocidade portuguesa* que congregava os jovens, doutrinando-os e disciplinando-os segundo as premissas do Estado Novo. A propósito dos mais jovens é interessante verificar que a juventude usava *seu maluco* ou *seu doído* para os comparsas mais aventureiros e folgazões, algo que ainda hoje é muito frequente num registo informal.

Assim como na década de trinta, continua a ouvir-se *camarada* ou *companheiro* usado entre pessoas da mesma classe profissional e *mestre*, em alguns ramos profissionais, para designar os operários de mais idade. Na fórmula epistolar, para iniciar uma carta, continua a registar-se *meu amigo*, *meu caro* e, talvez menos, *meu exmº amigo*. Com base em Basto (1932), verifica-se que para chamar alguém que se conhecia ou com o qual se tinha alguma proximidade usavam-se os vocativos *ó você!* e *ó tu!*, expressões de cariz popular que parecem cair em desuso; para evocar um grupo de pessoas proferia-se *ó gente!* ou *ó povo!*, algo que também está em desuso na oralidade quotidiana, mas que está presente numa famosa música da fadista Mariza denominada “Ó gente da minha terra”. O livro de Cláudio Basto diz-nos ainda que os mendigos diziam *meu benfeitor* a quem lhes dava esmola como sinal de agradecimento. As exclamações *Homem de Deus!*, *Alma de Deus!* Ou *Criatura!* eram exclamações que se usavam quando o visado fazia algo de errado ou incorreto, aludindo ao carácter religioso da sociedade desse tempo.

O livro de Cláudio Basto (1932) tem a curiosidade de permitir verificar que diminutivos registados na altura como *migo/miga* (de amigo/amiga), *mano* e *mana* (irmão/irmã – em desuso na época) e *nina* (de menina) registado “somente em Santa Vitória do Ameixial – Estremoz” (Basto, 1932: 21), são hoje vulgarmente utilizados, sobretudo entre a população jovem. E assim, qual sinal dos tempos, deparamo-nos mais uma vez com a questão da sociedade de tendência igualitária com propensão para o uso de uma linguagem simplificada ou economizada que abrange também as formas de tratamento.

4.

Metodologia

A entrevista semiestruturada foi o instrumento de pesquisa utilizado para a coleta de dados durante a interação entre o pesquisador e os informantes. Este tipo de entrevista ajuda o pesquisador a entender melhor as coisas que o seu conhecimento teórico e a experiência empírica não podem explicar (Gil, 2008). Para este estudo, dez indivíduos foram entrevistados, divididos em dois grupos de acordo com sua faixa etária. O objetivo da entrevista foi coletar diretamente informações e discutir as formas de tratamento numa perspectiva diacrónica para compreender as mudanças ocorridas no uso das formas de tratamento no seio desta comunidade. As entrevistas tiveram lugar na aldeia de Avelanoso em agosto de 2019.

Os entrevistados foram classificados em duas categorias distintas, correspondentes a dois níveis etários: “entre os 30 e os 40 anos” e “entre os 65 e 75 anos”. O primeiro grupo (doravante denominado de G1) foi composto por quatro homens e uma mulher que vivem permanentemente na aldeia e trabalham em várias funções ligadas à administração pública, como polícias ou funcionários do centro de dia local. O segundo grupo (G2) foi composto por três pessoas do sexo feminino e duas do sexo masculino que já não se encontram na idade ativa, mas que desempenharam atividades do sector terciário na sua vida profissional, tais como professores e autoridades policiais.

As entrevistas foram conduzidas em forma de mesa-redonda, o que permitiu uma análise com maior informalidade, bem como mais extensão e amplitude na análise das temáticas deste estudo. As questões, ou tópicos, foram colocados de forma aberta e as respostas foram feitas de forma livre, enquanto o entrevistador registrou as declarações por escrito e, posteriormente, categorizou e organizou as respostas para permitir uma leitura qualitativa mais clara e assertiva.

Os entrevistados expressaram livremente as suas opiniões sobre os tópicos abordados e as perguntas foram conduzidas a partir de um guião semiestruturado. Este fator permitiu que os entrevistados pudessem permanecer centrados no assunto, possibilitando a recolha de “informações intensivas centradas num indivíduo ou pequeno grupo que expõe seus pontos de vista sem limites de tempo ou com ampla liberdade” (Sousa & Baptista, 2000: 81). Saliente-se também que houve concordância quanto à informação e aos argumentos apresentados sobre as temáticas da entrevista, apesar de alguns entrevistados se terem revelado mais participativos do que outros. As entrevistas com o grupo mais sénior (G2) foram mais extensas, uma vez que este grupo contribuiu com mais informação sobre a evolução e as mudanças das formas de tratamento neste lugar do Nordeste Trasmontano.

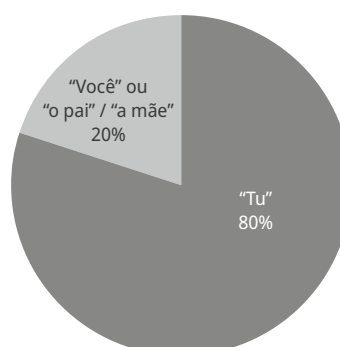
Esta pesquisa tem uma dimensão que se pode considerar etnográfica, pois estuda um grupo ou uma população e ocorre por meio de uma interação social entre o pesquisador e o objeto pesquisado, em que um lado busca dados e o outro serve como fonte de informação (Gil, 2008; Baptista, 2009). A pesquisa etnográfica é entendida como o “estudo de um grupo ou povo” (Gerardt & Silveira, 2009: 41) com base na observação participante, na interação entre pesquisador e objeto pesquisado, na visão dos sujeitos pesquisados sobre as suas experiências e na coleta de dados descritivos. A pesquisa etnográfica enfatiza o elemento vivencial da experiência e tem como elemento fundamental a “concentração no detalhe do quotidiano enquadrando-o no todo da vida social” (Baptista, 2009: 457). A pesquisa etnográfica não procura a verdade objetiva, mas a compreensão do significado dos discursos e das representações sociais e culturais, sendo particularmente adequada para a abordagem qualitativa de “questões de cultura, estilos de vida e identidades” (Baptista, 2009: 457).

5.

Resultados

Os tópicos abordados serão apresentados em forma de gráfico neste ponto do trabalho.

Gráfico 1: Formas de tratamento dirigidas aos pais (G1: 30 - 40 anos)

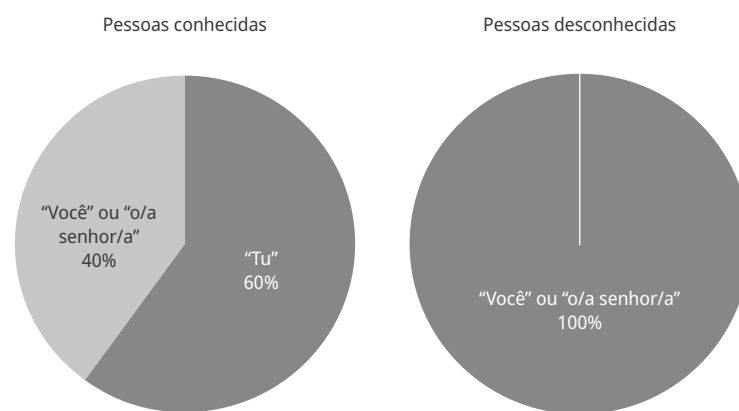


Fonte: Elaborado pelo autor

Nesta faixa etária podemos ver que a expressiva maioria dos participantes utiliza o pronome *tu* para se dirigir aos seus pais, sendo que apenas um dos membros deste grupo disse utilizar o pronome *você*, bem como as formas nominais *o pai* e *a mãe*. Em relação aos motivos para utilizar o tratamento da 3ª pessoa do singular, este participante justificou-o “pelo facto de ter um irmão mais velho que fazia uso dessa forma e segui essa norma”. É de referir também que os outros elementos deste grupo consideram o tratamento de *você* dirigido aos pais como algo mais antiquado ou distanciado, como algo incomum ou fora de tempo.

Embora este não seja um estudo comparativo a nível sociogeográfico, parecem existir cada vez menos diferenças nas formas de tratamento de domínio familiar, pois num pequeno meio do interior de Portugal como nas outras regiões do país impera o pronome *tu*, entremeado pelo uso de *você* (Bazenga, 2017; Lara-Bermejo & Guilherme, 2018; Mella, & Rodríguez, 2023).

Gráfico 2: Forma de tratamento dirigida às pessoas seniores, ≥ 65 anos (G1: 30 – 40 anos)



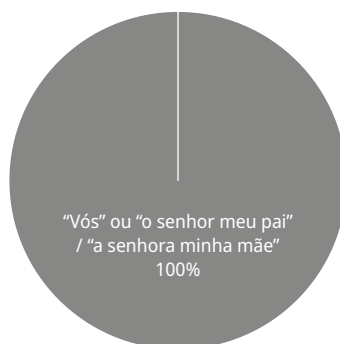
Fonte: Elaborado pelo autor

Para se dirigirem a alguém de idade mais avançada do círculo de pessoas conhecidas (avós, vizinhos, amigos), três elementos revelaram que recorrem ao pronome *tu* se tiverem confiança com essa pessoa, deixando o *você* para pessoas muito mais velhas ou menos conhecidas. Estes elementos informaram que utilizam, igualmente, o pronome *tu* para tratar os seus avós. Apenas dois participantes preferem recorrer ao maior distanciamento de *você* ou *o senhor / a senhora* no trato com pessoas de uma idade sénior.

No que diz respeito ao trato com pessoas mais velhas que não sejam previamente conhecidas, todos os indivíduos foram unânimes em utilizar o pronome *você* como forma de tratamento, além de *o senhor / a senhora*, caso a pessoa seja de uma idade muitíssimo avançada. Através do diálogo com G1, pode-se verificar que a quantidade de formas de tratamento utilizadas é muito reduzida, uma vez que para diferentes interações se empregam apenas os pronomes *tu* e *você*. O uso dos nominais *o senhor / a senhora* utiliza-se com pessoas de idade especialmente avançada, o que pode sugerir que estas formas também possam cair em desuso futuramente.

Neste estudo pode-se verificar um pequeno vislumbre da força desertificadora e uniformizadora do binómio *tu – você* nas formas de tratamento em Portugal, algo que tem sido destacado por diversos estudos desta área (Thomé-Williams, 2004; Lara-Bermejo & Guilherme, 2018; Nascimento, Mendes & Duarte, 2018). A análise das formas de tratamento numa perspetiva de diversidade é cada vez mais um trabalho de teor historiográfico ou etnográfico, uma vez que as gerações mais novas, nascidas após o último quarto do século XX, recorrem apenas a esta dualidade pronominal que simplifica e demarca a formalidade e a informalidade, a proximidade e o distanciamento.

Gráfico 3: Forma de tratamento dirigida aos pais (G2:65 – 75 anos)



Fonte: Elaborado pelo autor

A informação decorrente do contacto com o G2 permite-nos ainda traçar uma visão diacrónica de como as relações sociais e as formas de tratamento têm vindo a mudar ao longo das últimas décadas.

Todos os elementos do G2 utilizavam, no passado, o pronome *vós* em contexto familiar para se dirigirem aos pais (ao pai ou à mãe de forma individual), aos tios ou avós, assim como à generalidade das pessoas mais velhas da aldeia com quem tinham proximidade. No seio familiar usavam-se os vocativos *vós meu pai* / *vós minha mãe* ou *vós meu avô* / *vós minha avó*, tal como nos exemplos seguintes: *vós meu pai, vinde cá, vós minha mãe, onde ides?* ou *vós meu avô, esperai por mim*. Em relação à reciprocidade, sublinharam que este tipo de voseio não era recíproco, ou seja, efetuava-se na forma *vós-tu*, pois as pessoas mais novas usavam o *vós*, mas as mais velhas respondiam com a segunda pessoa do singular.

Além do pronome *vós*, por vezes também era usado *o senhor meu pai* ou *a senhora minha mãe*, adiantando que de modo algum se atreveriam a usar outras formas e tratamento que não estas por uma questão de respeito ou reverência. Atualmente, os entrevistados deste grupo etário que ainda têm progenitores informam que utilizam com mais frequência o pronome *você*, embora, esporadicamente ainda possam usar *vós*, forma que hoje consideram mais carinhosa ou tradicional, como expressão de um tempo pretérito.

Em relação à predominância do pronome *você* em detrimento de *vós*, os entrevistados desta geração, indicam os anos 70 e 80 como altura em que se começou a generalizar o uso de *você*. Devido às mudanças na organização social e à abertura da aldeia a novas realidades e com a influência da emigração, ou seja, as pessoas originárias da aldeia que viviam noutros locais do país, esta forma de tratamento começou a difundir-se.

Os entrevistados explicaram que antes disso o tratamento pronominal *você* não era comum na aldeia, mas uma forma considerada citadina. Um dos entrevistados afirmou que por vezes se usava *vossemecê*, mas só após ir viver para Lisboa é que ouviu pela primeira vez a forma de tratamento *você*. Algumas pessoas que saíam da aldeia para estudar e trabalhar, deixavam de utilizar formas como o *vós*, em detrimento de formas mais comuns nos grandes meios urbanos, vistas como mais cultas ou modernas. Outra história partilhada é a de uma participante que foi professora na cidade do Porto e se recorda que na sequência do 25 de Abril estranhava a mudança repentina que se verificou nas escolas, em que muitos alunos passaram a tratar os professores com o pronome *tu*, hábito que era mais bem aceite por alguns professores do que por outros.

Tabela 1: Formas de tratamento dirigidas (em meados do século XX) a pessoas mais velhas (G2:65 – 75 anos)

Pessoas conhecidas (informal)	Tio / Tia + nome próprio ou alcunha Senhora dona + nome
Pessoas desconhecidas (formal)	Senhor/a + profissão O senhor / a senhora Senhor padre; Senhor abade; Meu reverendíssimo senhor (bispo)

Fonte: Elaborado pelo autor

No passado, recorria-se a este voseio (vós-tu) dirigido a um só interlocutor para tratar os progenitores e as pessoas de mais idade, em geral. Os informantes do G2 (nascidos nas décadas de 40 e 50 do século anterior) afirmam que, ao contrário de hoje, durante a sua infância e juventude este voseio era de uso comum e generalizado nas relações informais. Fora desse contexto, imperava o tratamento nominal *senhor/senhora* acompanhado da terceira pessoa. Durante a entrevista relatou-se que quando uma pessoa mais importante vinha de fora era tratada por *senhor/senhora* seguido da terceira pessoa, o que era revelador de mais deferência do que a forma voseada. Algo que também se encontra em acentuado desuso é o tratamento *tio / tia*, muito comum até há algumas décadas na aldeia (também referido por Basto, 1932), mas que hoje é utilizado com raridade como forma atenciosa ou afetuosa de tratar algumas pessoas de idade muito avançada com as quais se tem proximidade.

Durante as primeiras décadas de vida dos entrevistados, o tratamento nominal *senhor* era usado com muita frequência, em várias realizações e o seu uso isolado era até visto como algo pouco comum, ou seja, acompanhava-se sempre com outro nome (*senhor abade, senhora dona, senhor meu pai, senhora minha mãe*, etc.). Os participantes mencionam a recorrência de *senhor professor, senhor padre*, figuras mais destacáveis do quotidiano da aldeia, mas também o facto de o bispo merecer uma forma de tratamento própria (*Meu Reverendíssimo Senhor*). Estas formas de tratamento que eram parte integrante do quotidiano social da aldeia encontram-se em acentuado desuso, registando-se apenas de forma muito pontual entre algumas pessoas de mais idade.

Tabela 2: Formas de tratamento informais usadas antigamente (G2:65 – 75 anos)

Informais (Levianas)	Faroleiro (para alguém que fala demasiado, fala-barato) Mancebo (usada para jovens adolescentes) Menino / Menina (para criados de casas abastadas) Meleiro (para alguém que tenta levar os outros na conversa) Triteiro (para alguém ágil, mexido, inquieto) Risinas (para alguém que ri muito) Enzoneiro ou pantomineiro (para alguém que faz disparates) Alma de Deus ou criatura (para alguém que pregou uma partida ou brincadeira ou fez algo de errado)
-------------------------	--

Informais (Depreciativas)	Bardino, valdevino ou gadanhão (marginal, ladrão) Canastrão ou Aranhão (pessoa desajeitada ou desastrada) Carriça ou carricica (pessoa de baixa estatura) Folecra (pessoa muito magra, frágil) Cisqueiro (pessoa que está suja) Talamouro (pessoa doida ou louca)
------------------------------	--

Fonte: Elaborado pelo autor

Ao passo que esporadicamente ainda é possível ouvir as formas *tio / tia* seguido do nome da pessoa, tal como o tratamento por *vós*, dirigido de forma carinhosa e saudosista para com pessoas de muita idade, o uso das formas de tratamento listadas na tabela em cima já não ocorre nos dias de hoje. Estas formas de tratamento informais estavam relacionadas com as referências quotidianas destas comunidades, sendo que algumas eram mais cáusticas do que outras.

Atente-se, por exemplo, no vocábulo *triteiro*. Segundo os participantes, o triteiro era um malabarista do teatro de rua pertencente a pequenos grupos de teatro ambulante, normalmente constituídos por famílias, que faziam espetáculos que misturavam circo e teatro. Estes grupos atuavam nos currais (nos quais pernoitavam) e recebiam em géneros (pão, batatas, cebolas, carne de porco, centeio, trigo, etc.). O triteiro era uma mistura de malabarista com palhaço, a figura central do espetáculo e a preferida das crianças. Era uma figura sempre muito magra e capaz de malabarismos e contorcionismos, por isso chamava-se triteiro aos rapazes (não existia o feminino) com essas características, magreza, agilidade e muita irrequietude.

O desuso destas formas é representativo das profundas mudanças nos hábitos interpessoais e sociais que ocorreram no seio destas comunidades nas últimas décadas, tal como os vocativos apresentados seguidamente.

Tabela 3: Formas de tratamento vocativas usadas antigamente (G2:65 – 75 anos)

Informais	Ó meu filho / Ó minha filha (para pessoas mais novas que o interlocutor) Ó garoto (para crianças) Ó canalha (para um grupo de crianças) Ó jovem (para os jovens, principalmente do sexo masculino) Ó mocidade (para um grupo de jovens) Ó princesa (para mulheres jovens) Ó cara linda (para mulheres jovens) Ó dona (para mulheres mais velhas) Ó patrão / Ó patroa (usadas em contexto profissional, mas também noutros contextos) Ó freguês (usados pelos vendedores ambulantes)
-----------	--

Fonte: Elaborado pelo autor

A maioria destas realizações comuns na sociedade hierarquizada e conservadora da época pré-democrática caiu em desuso. Os vocativos *ó meu filho*, *ó minha filha* parecem ser os únicos que ainda podem surgir pontualmente. Os vocativos ocorrem no contexto do discurso oral e de “interações comunicativas marcadas por um grau de intimidade e aproximação entre os participantes de uma interação discursiva” (Allen, 2019: 25). Tendo em conta que os papéis socioeconómicos e as relações que compõem o tecido social destas comunidades sofreram alterações, é compreensível que as “interações comunicativas e discursivas” também se tenham modificado.

Tabela 4: Formas de cumprimento antigas de carácter religioso (G2:65 – 75 anos)

Informais (Levianas)	Locutor: Deus vos dê bons dias Interlocutor: Bons dias vos dê Deus
	L: Faz favor da vossa bênção I: Que Deus te abençoe, meu filho
	L: Faz favor da vossa bênção I: Que Deus nosso senhor te cubra, meu filho
	L: Deus benza a vossa jeira I: Deus benza cousas vossas

Fonte: Elaborado pelo autor

Na tabela em cima, descrevem-se algumas estruturas usadas para cumprimentar os interlocutores que eram de uso comum neste meio há sensivelmente cinco ou seis décadas. Estas situações discursivas denotam aspectos característicos da sociedade da época como a religiosidade ou a deferência para com os membros mais velhos da família.

De acordo com os participantes, os filhos, de manhã, diziam *Deus vos dê bons dias* para os pais ou ao chegar a casa dos avós, ao que estes retorquiam *Bons dias vos dê Deus*. Este cumprimento só se praticava em família com o pai, a mãe e os avós, correspondendo a um atual *bom dia*.

Além deste cumprimento, também era comum os filhos pedirem a bênção aos pais e, sobretudo, aos avós, num diálogo que se entabulava como no seguinte exemplo:

- Bons dias vos dê Deus, meu avô. Faz favor da sua bênção.
[então, o avô estendia a mão que era beijada e contestava:
- Que Deus te abençoe, meu filho.

De seguida, regista-se o depoimento em primeira pessoa de um dos participantes que contribui para descrever o uso destas peculiares expressões de cumprimento:

“Quer os pais quer os avós tratavam-nos sempre por filhos. A minha avó Inês usava a expressão: *Que Deus nosso senhor te cubra, meu filho*. Havia a expressão usual, *Que Deus te cubra de graças*, usada pelos padres quando se dirigiam às pessoas da aldeia nos sermões e nos dias de festa. A minha avó adaptava-a dessa forma: *Que Deus nosso senhor te cubra, meu filho*, para todos os netos e netas.” (António, 72 anos).

O cumprimento *Deus benza as vossas jeiras*, seguido da resposta *Deus benza as cousas vossas* era uma saudação de trabalho. Esta interação usava-se nos campos quando as pessoas estavam a desempenhar um trabalho agrícola. Nessa ocasião não se dizia *bom dia* ou *boa tarde*, mas usava-se este cumprimento de cariz religioso para desejar força e bom augúrio aos trabalhadores. Este cumprimento é demonstrativo de uma relação estreita entre trabalho rural e religião em tempos de divina omnipresença em todos os parâmetros da sociedade.

Todas estas particularidades há muito desaparecidas ou em declínio representam o ocaso de um tempo pretérito que apenas subsiste nas memórias de uma geração também a desvanecer que viveu estas transformações. As comunidades descuradas do Nordeste Trasmontano carecem de investigações mais profundas que registem os diversos aspetos sociolinguísticos e etnográficos que fizeram parte do seu árduo quotidiano. Na medida das suas possibilidades e limitações, este estudo pretende contribuir para combater a erosão dessas montanhas de conhecimento omisso que diariamente se esvaece.

6.

Considerações finais

Este estudo permite verificar a difusão e generalização do *tu* ou *você* como formas de tratamento num meio tradicionalmente mais recôndito. As mudanças sociais registadas nas últimas décadas, a abertura dos meios rurais a novas realidades através da circulação das suas gentes, dos meios de comunicação, da maior proximidade e inter-relação com outros locais de Portugal e do globo, a uniformização de padrões culturais a nível global, a generalização de costumes inspirados nas culturas anglo-saxónicas, os cultos da (eterna) juventude, levam a que nos meios de comunicação e redes sociais o pronome *tu* seja usado predominantemente, juntamente com um esporádico *você*, caso os produtos publicitados sejam fixadores de placas dentárias, vitaminas para o desgaste ósseo ou viagens de turismo sénior.

Constata-se uma dissemelhança significativa entre as populações mais seniores que cresceram habituadas a vincar as diferenças sociais através do uso de uma grande recursividade de formas de tratamento e as gerações mais recentes, nascidas nas últimas e democráticas décadas cujo tratamento nas relações informais alterna, exclusivamente, entre a intimidade do *tu* e a ligeira distância do *você*. Os séculos de hierarquia, de deferência e respeito entre diferentes idades e classes sociais desembocaram no último quarto do século XX em mudanças sociais que alteraram os cânones de uma sociedade habituada ao conservadorismo, à veneração e à reivindicação patente nas formas de tratamento. O que a Revolução Francesa representou para as formas de tratamento com reverberações que terão ido para além de França (Biderman, 1972; Wilhelm, 1979), teve semelhante significado, quase duzentos anos depois na Revolução de Abril em Portugal. Uma sociedade desejosa de liberdade e modernidade, sequiosa de cortar com as amarras da opressão e abrir de par em par as janelas da paridade, e que, linguisticamente, se passou a relacionar de forma mais livre, desimpedida e simplificada.

A vulgarização das formas de tratamento pronominais *tu* e *você* em detrimento de outras com pouca ou nenhuma ocorrência; a diminuição do número de formas de tratamento utilizadas, sobretudo nominais; o modo como deixam de ilustrar os papéis sociais de cada indivíduo ou a organização e estratificação social; o facto de a diferença etária ter perdido importância no modo como os indivíduos interagem; todas estas alterações decorrem das profundas mudanças sociais que essa madrugada democrática e libertária originou.

A mais-valia deste estudo não reside na predominância de tendência igualitária da pronominalização *tu* e *você*, observável de uma forma empírica e descrita na literatura específica da área, mas é, sobretudo, a análise das variações e dos usos que se perderam ou que em breve vão desaparecer. O registo da história oral, revela-se decisivo, no âmbito de uma comunidade pequena e interiorizada, mas muito peculiar em termos sociolinguísticos. O registo escrito do que estas comunidades viveram e dos usos e costumes que compuseram as vivências das suas gentes deve servir de base para outros estudos de cariz etnográfico a fim de preservar a cultura e contribuir para nos compreendermos melhor, de onde vimos, como mudamos e para onde o futuro nos poderá encaminhar.

É natural que se sucedam e se renovem usos e desusos ao longo da história de uma sociedade e de uma língua, contudo, é determinante unir esforços para preservar os elementos culturais que vão ficando para trás nas comunidades mais deslembadas, revelando-se e registando-se o que não foi escrito e que em breve se perderá nas brumas do tempo.

Referências bibliográficas

- Allen, Ana Sofia Ferreira (2019). *O sistema de formas de tratamento em português europeu: contributos para a compreensão da sua reestruturação a partir de textos escritos do século XX*. Lisboa: Universidade de Lisboa. Disponível em <http://hdl.handle.net/10451/40875> (Consultado em 13.05.2023)
- Baptista, Maria Manuel (2009). "Estudos culturais: o quê e o como da investigação", *Carnets, Première Serie – Numéro Spécial*, 451-461.
- Basto, Cláudio (1932). "Formas de tratamento em português", *Revista Lusitana*, 29 (1-4), 183-202.
- Bazenga, Aline (2022). "Formas de Tratamento de Segunda Pessoa do Singular em Português: Representações e Crenças de Falantes Madeirenses", *Arquivo Histórico da Madeira*, 4, 465-499.
- Bazenga, Aline (2017). *Formas de Tratamento*. Aprender Madeira – Dicionário Enciclopédico da Madeira. https://www.researchgate.net/publication/323366226_Formas_de_tratamento
- Biderman, Maria Teresa (1972). "Formas de tratamento e estruturas sociais", *Alfa: Revista de Linguística*, 18(19), 339-381.
- Brown, Roger, & Gilman, Albert (1960). "The pronouns of power and solidarity". Em Sebeok, Thomas (ed.), *Style in Language*, 253-276. Cambridge: Cambridge University Press.
- Carreira, Maria Helena Araújo (1997). *Modalisation linguistique en situation d'interlocution: proxémique verbale et modalités en portugais*. Paris: Éditions Peeters.
- Carreira, Maria Helena Araújo (2014). "Cortesia e Proxémica: abordagem semântico-pragmática". Em Seara, Isabel (coord.), *Cortesia: olhares e (re)invenções*, 27-46. Lisboa: Chiado Editora.
- Casteleiro, João Malaca (1988). "Pronomes Pessoais e Formas de Tratamento". Em Casteleiro, João Malaca; Pascoal, José & Meira, Américo (coords.), *Nível Limiar*, 376-380. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.
- Cavalheiro, Valéria Mourales (2017). *As diferentes regras de uso das formas tu e você e suas influências na compreensão de narrativas literárias: PB e PE*. Porto: Universidade do Porto. Disponível em <https://hdl.handle.net/10216/108454> (Consultado em 10.05.2023).
- Cintra, Lindley (1972). *Sobre formas de tratamento na língua portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Cunha, Celso, & Cintra, Lindley (2002) [1984]. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- Duarte, Isabel (2011). "Formas de tratamento em português: entre léxico e discurso", *Revista Matraca*, 18(28), 84-101.
- Elizaincín, Adolfo (2006). "Los estudios sobre la frontera España/Portugal: enfoque histórico", *Revista de Estudios Extremeños*, 57(2), 607-621.

Ferreira, Manuela Barros (2001). "A situação actual da língua mirandesa e o problema da delimitação histórica dos dialectos asturo-leoneses em Portugal", *Revista de Filologia Românica*, 18, 117-136.

Gerhardt, Tatiana, & Silveira, Denise (2009). *Métodos de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

Gil, António Carlos (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Editora Atlas.

Gouveia, Carlos (2008). "As dimensões da mudança no uso das formas de tratamento em Português Europeu". Em Oliveira, Fernanda & Duarte, Isabel (eds.), *O fascínio da Linguagem: Actas do Colóquio de Homenagem a Fernanda Irene Fonseca*, 91-100. Porto: Centro de Línguas da Universidade do Porto.

Lara-Bermejo, Víctor, & Guilherme, Ana (2018). "The politeness of você in European Portuguese", *Studies in Hispanic and Lusophone Linguistics*, 11(2), 337-366.

DOI: <https://doi.org/10.1515/shll-2018-0012>

Luz, Marilina (1958). *Formas de tratamento no português arcaico*. Coimbra: Casa do Castelo Editora.

Mateus, Maria Helena (2003) [1983]. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho.

Mella, María Sampedro, & Rodríguez, Miren Beergoña (2023). "Aproximação sociolinguística às formas de tratamento no português europeu", *Iberoromania*, 97(1), 1-20.

DOI: <https://doi.org/10.1515/iber-2023-2008>

Mourinho, António Maria (1987). "A língua mirandesa como vector cultural do Nordeste português". Mourinho, António Maria (org.), *Actas das las Jornadas de Língua e Cultura Mirandesa*, 75-87. Miranda do Douro: Sociedade Gráfica.

Nascimento, Maria Fernanda; Mendes, Amália, & Duarte, Maria Eugênia (2018). "Sobre formas de tratamento no Português Europeu e Brasileiro", *Diadorim*, 20 – Especial, 245-262.

DOI: <https://doi.org/10.35520/diadorim.2018.v20n0a23276>

Santos, Maria José de Moura (1967). "Os falares transfronteiriços de Trás-os-Montes", *Separata da Revista Portuguesa de Filologia*, XIII, Coimbra: Instituto de Estudos Românicos.

Sousa, Maria José, & Baptista, Cristina Sales (2012). *Como Fazer Investigação, Dissertações, Teses e Relatórios - Segundo Bolonha*. Lisboa: Edições Lidel.

Teyssier, Paul (1997). *A história da língua portuguesa*. Tradução de C. Cunha. São Paulo: Editora Martins Fontes.

Thomé-Williams, Ana (2004). "Sociolinguistic aspects of forms of address in Portugal and Brasil: tu or você". *Intercultural Communication Studies*. XIII (3), 85-99.

Vasconcellos, José Leite de (1901). *Estudos de Philologia Mirandesa*. vol. 2. Lisboa: Imprensa Nacional.

Wilhelm, Eberhard Axel (1979). *Pronomes de Distância do Português Actual em Portugal e no Brasil*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.



<https://revistas.udc.es/index.php/rgf>

Edita

Servizo de Publicacións da Universidade da Coruña,
co patrocinio de ILLA (Grupo de Investigación Lingüística
e Literaria Galega)

Dirección

Teresa López, Universidade da Coruña (España)
Xosé Manuel Sánchez Rei, Universidade da Coruña (España)

Secretaría

Diego Rivadulla Costa, Universidade da Coruña (España)

Consello de Redacción

Ana Bela Simões de Almeida, University of Liverpool (Reino Unido)
Pere Comellas Casanova, Universitat de Barcelona (España)
Iolanda Galanes, Universidade de Vigo (España)
Leticia Eirín García, Universidade da Coruña (España)
Carlinda Fragale Pate Núñez, Universidade Estadual do Rio de Janeiro (Brasil)
Xavier Varela Barreiro, Universidade de Santiago de Compostela (España)
Xaquín Núñez Sabarís, Universidade do Minho (Portugal)

Comité asesor

Ana Acuña, Universidade de Vigo (España)
Olga Castro, University of Warwick (Reino Unido)
Regina Dalcastagnè, Universidade de Brasília (Brasil)
Manuel Fernández Ferreiro, Universidade da Coruña (España)
Roberto Francavilla, Università degli studi di Genova (Italia)
Ana Garrido, Uniwersytet Warszawski (Polonia)
José Luiz Fiorin, Universidade de São Paulo (Brasil)
Xoán Luís López Viñas, Universidade da Coruña (España)
Xoán Carlos Lagares, Universidade Federal Fluminense de Niterói (Brasil)
Sandra Pérez López, Universidade de Brasília (Brasil)
María Olinda Rodrigues Santana, Universidade de Trás-Os-Montes
e Alto Douro (Portugal)

Comité científico

Silvia Bermúdez, University of California, Santa Barbara (Estados Unidos)
Evanildo Bechara, Universidade Federal do Rio de Janeiro (Brasil)
Ângela Correia, Universidade de Lisboa (Portugal)
Carme Fernández Pérez-Sanjulián, Universidade da Coruña (España)
Manuel Ferreiro, Universidade da Coruña (España)
Maria Filipowicz, Uniwersytet Jagiellonski (Polonia)
Xosé Ramón Freixeiro Mato, Universidade da Coruña (España)
María Pilar García Negro, Universidade da Coruña (España)
Helena González Fernández, Universidade de Barcelona (España)
Xavier Gómez Guinovart, Universidade de Vigo (España)
Pär Larson, CNR - Opera del Vocabolario Italiano, Florencia (Italia)
Ana Maria Martins, Universidade de Lisboa (Portugal)
Kathleen March, University of Maine (Estados Unidos)
María Aldina Marques, Universidade do Minho (Portugal)
Inocência Mata, Universidade de Lisboa (Portugal)
Juan Carlos Moreno Cabrera, Universidad Autónoma de Madrid (España)
Andrés Pociña, Universidade de Granada (España)
Eunice Ribeiro, Universidade do Minho (Portugal)
José Luís Rodríguez, Universidade de Santiago de Compostela (España)
Marta Segarra, CNRS (Franza) / Universitat de Barcelona (España)
Sebastià Serrano, Universitat de Barcelona (España)
Ataliba T. de Castilho, Universidade de São Paulo (Brasil)
Telmo Verdelho, Universidade de Aveiro (Portugal)
Mário Vilela, Universidade do Porto (Portugal)
Roger Wright, University of Liverpool (Reino Unido)

Cadro de honra

Álvaro Porto Dapena (1940-2018), Universidade da Coruña (España)
José Luis Pensado (1924-2000), Universidade de Salamanca (España)
Rafael Lluís Ninyoles (1943-2019), Conselleria de Educació i Ciència,
Generalitat Valenciana (España)



Depósito legal/ C584/2000
ISSN/ 1576-2661
ISSN-e 2444-9121
Deseño/ Novagarda